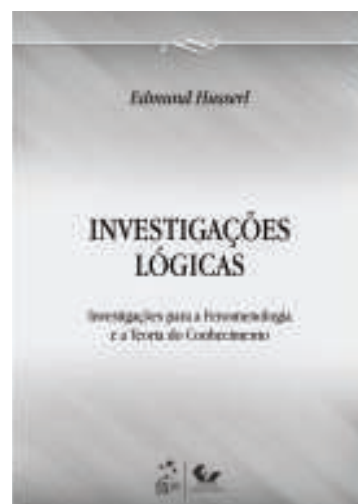


Investigações Lógicas Volume II; Parte I

Edmund Husserl

Tradução de Pedro Alves e Carlos Morujão
Adaptação para a língua portuguesa falada
no Brasil de Marco Antonio Casanova



por Paulo Cesar Gil Ferreira

doutorando PPGFIL/UERJ

**HUSSERL, Edmund. Investigações Lógicas - Vol. 2 Parte 1. Trad. Pedro Alves e Carlos Morujão. Adap. para a língua portuguesa falada no Brasil por Marco Antônio Casanova
Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012**

O recente lançamento da tradução das *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl vem preencher, enfim, uma prolongada lacuna editorial em nosso país, haja vista a farta publicação de traduções de autores influenciados de maneira decisiva por esta obra, tais como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Jacques Derrida, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, dentre tantos outros. Na verdade, a influência direta e indireta das *Investigações Lógicas* de Husserl na filosofia atual é imensurável, tanto é assim, que elas são responsáveis pelo surgimento de um novo e autônomo campo disciplinar no interior da filosofia, qual seja, o da Fenomenologia. Não obstante sua vasta influência, não são poucas também as resistências, incompreensões e distorções a que a obra está submetida, na medida em que ela pretende introduzir novas temáticas em meio às desgastadas especulações conceituais do pensamento filosófico tradicional. Acima de tudo, os ensaios de Husserl nas *Investigações Lógicas* são marcados pela proposta de exercitar uma nova maneira de pensar, muitas vezes recusada pelos intelectuais apegados a esquemas hegemônicos de pensamento, aos quais defendem como a uma mina de diamantes. Por outro lado, a obra também pode fomentar a dispersão dos estudantes e intelectuais ávidos por precipitarem-se na torrente de transformações e inovações por ela inspiradas. O fato é que, com as *Investigações Lógicas*, Husserl coloca em questão a própria identidade da filosofia, pois, por mais sofisticados que eles possam ser, teorias, procedimentos metodológicos e conceitos não seriam mais suficientes para fundamentar o pensamento, não seriam nem mesmo seu ponto de partida originário, na medida em que, em geral, eles promoveriam desvios e encobrimentos com relação às coisas investigadas. Quando Husserl enuncia suas palavras de ordem, diga-se de passagem, muito estranhas ao pensamento herdado, "às coisas elas mesmas", ele converte o sentido mais básico do pensamento filosófico de uma capacidade de raciocinar em um exercício da capacidade de ver.

Antes de adentrarmos esta questão, convém mencionar que a presente edição, publicada pela Forense Universitária, corresponde à versão brasileira de Marco A. Casanova para a tradução portuguesa, realizada no ano de 2007 por Pedro Alves e Carlos Morujão, da primeira parte do segundo volume das *Investigações Lógicas*. O texto original apresenta um primeiro volume subintitulado *Prolegômenos à lógica pura*, no qual Husserl preocupa-se quase que exclusivamente com o combate ao psicologismo na lógica, em favor da ideia de uma lógica pura, que fosse independente da economia do psiquismo. Esta crítica estende-se até mesmo a Kant, pois apesar de ter distinguido um domínio puro e um aplicado para a lógica, superando o pensamento de Mill e Sigwart, o autor de Königsberg teria sucumbido à mistificação das noções de razão e entendimento como condição primária para a lógica pura. O segundo volume das *Investigações* está dividido, por sua vez, em duas partes. A primeira, constante na

edição aqui considerada, encontra-se formada por cinco seções e possui como subtítulo: *Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Não constitui nenhum exagero afirmar que este texto representa o cerne da fenomenologia husserliana, visto que nele se encontra uma série de análises fundamentais para a compreensão do significado radical do empreendimento fenomenológico. Além disso, é precisamente nesta parte da obra que Husserl aborda, critica e, principalmente, subverte o significado de muitos conceitos centrais para a tradição filosófica, o que a princípio pode dotar o texto de um caráter profundamente contraintuitivo. Com o advento desta tradução, poder-se-á, finalmente, dar um impulso decisivo para a disseminação do estudo da segunda parte do segundo volume das *Investigações*, no qual consta a sexta e última investigação lógica de Husserl, subintitulada de *Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*, já traduzida no Brasil para a coleção *Os Pensadores* da editora Abril Cultural, em 1980, por Zelijko e Andréa Loparic, e também traduzida em um segundo tomo da edição portuguesa por Carlos Morujão.

Pois bem, dizíamos que, para Husserl, pensar filosoficamente é antes de tudo um exercício da capacidade de ver. Quando mencionamos essa necessidade de exercitar nossa capacidade de ver, pretendemos chamar a atenção para algo que é prioritário e condicional com relação a toda e qualquer teorização a respeito das coisas, a saber, o caráter intencional das vivências da consciência. Husserl percebe que as tentativas de fundamentar o conhecimento padecem exatamente do problema de obstruir aquilo que já é universalmente visto, ou intencionalmente vivenciado, com equivocadas hipostasias teórico-conceituais. Isto coloca a fenomenologia diante da exigência aparentemente contraditória de fundamentar a universalidade do conhecimento livre de quaisquer hipostasias cognitivistas, ou de pressuposições conceituais, que precisassem ser justificadas por meio de estratégias psicológicas. Em outras palavras, Husserl precisa explicitar descritivamente a universalidade do fundamento do conhecimento, em vez de propor mais uma fundamentação teórico-conceitual. Para a fenomenologia trata-se, portanto, de elucidar o fundamental, em vez de fundá-lo.

Husserl pretende que a universalidade dos objetos do conhecimento esteja sustentada naquilo que nomeia de intencionalidade das vivências da consciência. Ora, a noção de intencionalidade que Husserl desenvolve a partir da doutrina de seu mestre Franz Brentano está expressa no famoso lema que diz que "toda consciência é consciência de alguma coisa". A princípio esta frase parece expor a maior das obviedades, da mesma forma, também não parece uma obviedade menor dizer que esta "consciência de" constitui algo como uma "vivência intencional". Senão vejamos: "consciência", "intenção", "vivência", são termos que apresentam uma conotação notoriamente psicologizante, em

geral, "consciência" remeteria para uma subjetividade constituída, enquanto "intenção" diria respeito a um propósito deliberado dessa consciência, e o que não dizer da palavra "vivência", a qual não evoca outra coisa se não uma experiência particular, privada ou individual. Se concluirmos disso que toda consciência corresponde simplesmente a um ego individual que intenciona deliberadamente algo, que só ele mesmo pode experimentar, então recaímos na aporia cética do psicologismo. Não é isso evidentemente que Husserl tem em mente com a noção de intencionalidade da consciência. O termo intencionalidade, tomado de empréstimo da filosofia medieval por Brentano, deriva do latim *intentio*, ou *intentus*, do verbo *intendere*, que denota uma tendência, um tender para o interior de. É exatamente nesse "tender para o interior de" que podemos começar a elucidar a noção husserliana de intencionalidade. No "tender para o interior de", consciência e realidade, sujeito e objeto, dissolvem-se em favor de um campo relacional mais originário, na medida em que a consciência não precisa mais elaborar alguma forma de acesso à objetividade dos objetos, pois ela já é atraída imediatamente para o lugar onde o modo de dação dos objetos é vivenciado. Destarte, podemos ainda concluir que o caráter de vivência da consciência intencional, ao contrário de apontar para uma experiência individual, tem como objetivo manifestar a irrevogável objetividade do que é por ela experimentado, como uma universalidade que se impõe; que é já sempre vivida.

Toda experiência da consciência, destarte, só é possível como vivência intencional, pois ela implica, desde o princípio, um estar em meio a idealidades que se antecipam a qualquer ato que pudesse ser direcionado a algo considerado como real de fato, ou empírico. A questão para a fenomenologia é que a possibilidade de significações universais, ideias gerais, categorias, conceitos, enfim, de todas as idealidades nas quais se sustenta a lógica e a ciência, não pode ser derivada da relação entre o ato psíquico real e as propriedades empíricas particulares das coisas. A consciência não necessita mais de um procedimento cognitivo de intermediação com relação à realidade empírica, logo, ela não precisa mais de pontos de partida dogmáticos, da construção de convenções generalizantes, ou de ficções mais ou menos bem fundamentadas, de onde pudesse haurir representações universalmente válidas. Isto se deve ao fato de que todo e qualquer ato intencional da consciência, ao visar uma determinada significação, já é deslocado para o campo ideal dos correlatos dessa significação, que dão o preenchimento de sentido àquilo que fora intencionado no ato inicial. A tarefa da fenomenologia consiste precisamente em investigar as leis que regem o modo de dação desse conteúdo correlativo imediato e universal que é aberto pelo ato. Por isso, Husserl insiste na descrição como o procedimento por excelência de uma filosofia que pretenda fundamentar uma lógica pura de fato, de modo a libertar a ciência da metafísica. Ora, se os correlatos

liberados no ato fornecem seu preenchimento significativo, seria um engano procurar no próprio ato a origem dos significados que se apresentam à consciência. Isto quer dizer que cada ato da consciência implica em sua imediata abertura em meio aos correlatos.

Por fim, tais exigências descritivas coadunam-se perfeitamente com o "*princípio da ausência de pressupostos*" (IL, p. 45), ponto de partida crucial da filosofia fenomenológica, visto que, de acordo com Husserl: "o princípio [da ausência de pressupostos] não pode querer dizer mais do que a rigorosa exclusão de todas as asserções que não possam ser completa e totalmente realizadas *fenomenologicamente*" (Idem). A ideia radical da ausência de pressupostos e, conseqüentemente, da exclusão de asserções não obtidas fenomenologicamente, lançam um novo desafio para a fundamentação do conhecimento que ficará mais claro a seguir. Em primeiro lugar, Husserl afirma que: "Toda e qualquer investigação gnosiológica deve realizar-se a partir de fundamentos puramente fenomenológicos" (Idem). Tal quer dizer, portanto, que a fenomenologia precisa voltar-se contra aquelas asserções e pressupostos que a contradizem e encobrem os fundamentos do conhecimento. Em outras palavras, a fenomenologia coloca-se na situação peculiar de ter de contrapor-se precisamente às teorias como um todo. Não é por acaso que Husserl grifa a palavra teoria com aspas ao caracterizar o modo de pensar da Fenomenologia: "A 'teoria', que nela se almeja, não é outra coisa senão a tomada de consciência e a compreensão evidente acerca do que o pensar e o conhecer, em geral, são, a saber, segundo as suas essências puras genéricas" (Idem); ou seja, se há alguma teoria almejada pela fenomenologia, ela nada define de antemão, ao contrário, ela mesma é definida a partir das universalidades que a sustentam e que, além disso, precisam ser evidenciadas como sentido de sua maneira de pensar e conhecer. Husserl acrescenta elucidativamente:

De acordo com a nossa concepção, a Teoria do Conhecimento, propriamente falando não é uma teoria. Ela não é uma ciência no sentido pleno de uma unidade de explicação teórica. Explicar no sentido da teoria, é a conceptualização do singular a partir de leis gerais, e estas, de novo, a partir da lei fundamental. [...] A Teoria do Conhecimento não tem, porém, nada a explicar, neste sentido teórico, ela não edifica quaisquer teorias dedutivas. Vemo-lo já suficientemente bem na Teoria do Conhecimento generalíssima, formal, por assim dizer, que nós encontramos nas ex-

posições dos *Prolegomena*, que, enquanto complemento filosófico da mathesis pura, entendida no sentido mais lato que seja pensável, encadeia todo e qualquer conhecimento categorial apriorístico sob a forma de teorias sistemáticas. Com esta teoria das teorias, a Teoria do Conhecimento formal que a elucida está antes de toda e qualquer teoria empírica: portanto, antes de toda e qualquer ciência explicativa real" (IL, p. 46-47).

A fenomenologia enquanto uma teoria do conhecimento que não é de fato uma *teoria*, pelo menos não como normalmente compreendemos o termo, não deseja antepor a explicação ao ver; ela não se contenta com a explicação no lugar do explicado, pois a prevalência do explicar apenas busca a garantia de que se possa dominar as coisas por meio da autoridade dos conceitos. Neste último caso, porém, o que acaba por estar em jogo são apenas os próprios conceitos, mas não as coisas que se pretende conhecer. Isto porque nada há para ser deduzido, na medida em que a mathesis pura já orienta a "teoria". A Teoria do Conhecimento de matriz fenomenológica é "generalíssima" e "formal", na medida em que não pode escapar do caráter categorial de seus próprios objetos, ela mesma, antes de fonte dos universais, só pode ser seu complemento, sob pena de criar uma barreira intransponível com relação a seus próprios objetos. A singularidade inalcançável do conteúdo real, ou da materialidade empírica independente, afirmada e reafirmada sem descanso pelas teorias empiristas e pela explicação científica, na verdade, já está entregue desde sempre à originariedade da forma, ou seja, a realidade empírica só pode encontrar um verdadeiro sentido como matéria singular na própria universalidade primária de seu modo possível de aparição. Dito de outra maneira, a teoria, a ciência e seus conceitos carregam consigo uma inevitável tendência para alhear-nos das coisas com as quais já estamos em imediata relação significativa. Diante disso, a dificuldade maior proposta pela fenomenologia está em exigir que saíamos novamente do conforto de casa para encontrarmos o mundo, isto é, que paremos de investir na tecnologia bélica do pensamento, na edificação de fortalezas conceituais, a fim de que as coisas novamente possam nos surpreender. Talvez a maior e mais inestimável contribuição de Husserl para a filosofia, não obstante as inevitáveis limitações de todo e qualquer pensamento, esteja exatamente no fato de que com sua Fenomenologia ele tenha conseguido, enfim, libertar-nos para as coisas.